

ALAIN DE BOTTON

O CURSO DO AMOR

TRADUÇÃO

MIGUEL FREITAS DA COSTA



D. QUIXOTE



## ÍNDICE

ROMANTISMO	11
Arroubos	13
O Sagrado Início	17
Apaixonados	27
Sexo e Amor	35
A Proposta de Casamento	45
PARA TODO O SEMPRE	57
Patéticos	59
Amuos	71
Sexo e Censura	77
Transferência	89
Culpa Universal	97
Ensinar e Aprender	107
FILHOS	117
Lições de Amor	119
Doçura	131
Os Limites do Amor	137

Sexo e Paternidade	149
O Prestígio da Lavandaria	159
ADULTÉRIO	165
O Canalha	167
Pró	175
Contra	183
Desejos Irreconciliáveis	195
Segredos	201
PARA ALÉM DO ROMANTISMO	205
Teoria da Vinculação ou do Apego	207
Maturidade	221
Pronto para Casar	233
O Futuro	239

## ROMANTISMO



## Arroubos

O hotel fica numa saliência rochosa, meia hora a leste de Málaga. Foi concebido para receber famílias e revela inadvertidamente, especialmente à hora das refeições, os desafios que fazem parte da vida familiar. Rabih Khan tem 15 anos e está de férias com o pai e a madrasta. O ambiente entre eles é soturno e a conversa intermitente. A mãe de Rabih morreu há três anos. Todos os dias o *buffet* é servido num terraço sobranceiro à piscina. A madrasta faz de vez em quando um comentário sobre a *paella* ou o vento, que tem estado a soprar intensamente do sul. É originária do Gloucestershire e gosta de jardinar.

*Os casamentos não começam por uma proposta de casamento, ou sequer por um encontro inicial, começam muito mais cedo, quando nasce a ideia do amor e, mais especificamente, o sonho de uma alma gémea.*

Rabih vê a rapariga pela primeira vez ao pé do escorrega aquático. É perto de um ano mais nova do que ele, com o cabelo cor de avelã cortado curto como o de um rapaz, pele mate e membros esbeltos. Veste um *top* de marinheiro às riscas, calções azuis e um par de

chinelos de praia amarelo-limão. Tem à volta do pulso direito uma fina tira de cabedal. Olha-o de relance, esboça o que pode ser um meio sorriso e ajesta-se na espreguiçadeira. Durante as horas que se seguem olha pensativamente para o mar, a ouvir o seu *Walkman* e, a intervalos, roendo as unhas. Os pais estão ao lado, um de cada lado, a mãe a folhear um exemplar da *Elle* e o pai a ler um romance de Len Deighton em francês. Como Rabih descobrirá mais tarde no livro dos hóspedes, ela é de Clermont-Ferrand e chama-se Alice Saure.

Ele nunca sentiu nada sequer remotamente parecido com isto. A sensação avassala-o desde o primeiro instante. Não depende de palavras, que nunca trocarão. É como se de alguma maneira sempre a tivesse conhecido, como se ela fosse detentora de uma resposta para a sua própria existência e, especialmente, para uma zona confusamente dolorosa dentro dele. Ao longo dos dias seguintes observa-a à distância no hotel: ao pequeno-almoço num vestido branco com uma bainha às flores, a ir buscar ao *buffet* um iogurte e um pêsego; no campo de ténis, a desculpar-se ao professor pela sua esquerda, com tocante cortesia, num inglês com forte sotaque; e num passeio (aparentemente) solitário à volta do perímetro do campo de golfe, parando a ver os catos e os hibiscos.

*Pode chegar muito depressa, esta certeza de que outro ser humano é uma alma gémea. Não precisamos de ter falado com ele; podemos nem saber o seu nome. O conhecimento objetivo não vem ao caso. O que importa em vez disso é a intuição; um sentimento espontâneo que parece tanto mais exato e digno de respeito quanto contorna os processos normais da razão.*

O arroubo cristaliza em torno de uma série de elementos: um chinelo de praia amarelo displicentemente pendurado do pé; um exemplar do *Siddhartha* de Hermann Hesse pousado numa toalha ao pé do creme para o sol; umas sobrancelhas bem desenhadas; um modo distraído de responder aos pais e uma maneira de apoi

a cara na palma da mão enquanto come pequenas colheradas de mousse de chocolate no *buffet* do jantar.

Instintivamente, ele extrai dos pormenores uma personalidade inteira. Olhando para as pás de madeira da ventoinha que gira no teto do seu quarto, Rabih escreve na sua cabeça a história da vida dele com ela. Ela será melancólica e conhecedora da vida. Far-lhe-á confidências e rir-se-á da hipocrisia dos outros. Estará às vezes ansiosa na perspectiva de uma festa e na companhia das outras raparigas da escola, sintomas de uma personalidade sensível e profunda. Terá sido uma rapariga solitária e nunca até agora se confiou inteiramente a ninguém. Sentar-se-ão na cama dela entrelaçando e brincando com os dedos. Também ela nunca terá imaginado que uma tal comunhão pudesse existir entre duas pessoas.

De repente, uma manhã, sem aviso, foi-se embora e na mesa dela está sentado um casal holandês com dois filhos pequenos. Ela e os pais saíram do hotel ao nascer do dia para apanhar o voo da Air France de regresso a casa, explica o gerente.

O incidente é totalmente insignificante. Nunca se tornarão a encontrar. Ele não conta a ninguém. Ela é completamente alheia às suas rumações. Se a história começa aqui, no entanto, é porque – muito embora tanta coisa venha a mudar e a amadurecer em Rabih ao longo dos anos – a sua compreensão do amor conservará durante décadas exatamente a mesma estrutura que primeiro assumiu no Hotel Casa al Sur no verão do seu décimo sexto ano. Continuará a confiar na possibilidade de um entendimento e de uma empatia fulgurantes, de todo o coração, entre dois seres humanos – e na hipótese de um fim definitivo da solidão.

Suspirará de maneira semelhantemente agridoce por outras perdidas almas gémeas vistas em autocarros, nos corredores de um supermercado e nas salas de leitura de qualquer biblioteca. Terá o mesmo sentimento aos 20 anos, durante um semestre de estudo em Manhattan, por uma mulher sentada à sua esquerda no comboio do

norte, aos 25, no escritório de arquitetos de Berlim em que está a estagiar – e aos 29, num voo entre Paris e Londres, depois de uma breve conversa por cima do Canal da Mancha, por uma mulher chamada Chloe: a sensação de se ter deparado por acaso com uma parte há muito tempo perdida de si mesmo, que lhe falta.

*Para o romântico, não vai senão o mais curto dos passos entre o vislumbre de um estranho e a formulação de uma conclusão majestosa e substancial: que ele ou ela podem constituir uma resposta completa às mudas interrogações da existência.*

*A intensidade pode parecer trivial, até humorística, mas esta reverência pelo instinto não é um planeta menor na cosmologia das relações. É o sol central que lhes subjaz, à volta do qual giram os ideais contemporâneos do amor.*

*A fé romântica deve ter existido sempre mas só nos últimos séculos tem sido considerada mais do que uma doença; só recentemente se tem consentido que a busca de uma alma gémea assuma o estatuto de uma coisa próxima do sentido da vida. O idealismo previamente tributado a deuses e espíritos foi reencarnado para sujeitos humanos – um gesto ostensivamente generoso, carregado, no entanto, de consequências temíveis e frágeis, pois não é coisa simples para qualquer ser humano honrar ao longo de uma vida inteira as perfeições que ele ou ela possa ter sugerido a um observador imaginativo na rua, no escritório ou no lugar de avião ao seu lado.*

Serão precisos muitos anos e frequentes experiências amorosas para Rabih chegar a algumas conclusões diferentes, reconhecer que as próprias coisas que em tempos considerou românticas – intuições inexpressas, anseios instantâneos, a crença em almas gémeas – são o que se interpõe no caminho da aprendizagem de como fazer funcionar as relações. Assumirá que o amor só pode durar quando formos infieis a essas sedutoras ambições iniciais; e para que as suas relações perdurem terá de renunciar aos sentimentos que começaram por envolvê-lo nelas. Precisar-se-á de aprender que o amor é uma arte em vez de um entusiasmo.

## O Sagrado Início

Nos primeiros anos do seu casamento e por muitos anos depois, a pergunta feita a Rabih e à sua mulher tem sido sempre a mesma: «Como é que se conheceram?» – acompanhada normalmente por um ar expectante de excitação jovial e vicária. O casal, normalmente, entreolha-se (às vezes um pouco timidamente, quando a mesa inteira parou para os ouvir) para determinar quem deverá contar a história desta vez. Conforme o auditório, podem apostar no humor ou na ternura. Pode ser condensada numa frase ou encher um capítulo.

*O início recebe uma atenção tão desproporcionada porque não é tido por apenas uma fase entre muitas; para o romântico, contém de forma concentrada tudo o que é significativo em relação ao amor como um todo. É por isso que em tantas histórias de amor não há pura e simplesmente nada que o narrador possa fazer a um casal depois de este ter triunfado sobre uma panóplia de obstáculos iniciais além de o consignar a um futuro de indefinida felicidade – ou matá-lo. Aquilo a que chamamos amor é apenas, em geral, o início do amor.*

É estranho – observam Rabih e a mulher – que tão raras vezes lhes perguntem o que aconteceu desde que se conheceram, como

se a verdadeira história da sua relação não pertencesse a uma área de legítima e frutífera curiosidade. Nunca tiveram de responder à única pergunta que realmente os preocupa: «Como é já estar casado há algum tempo?»

*As histórias de relações, mantidas durante décadas, sem calamidades ou beatitudes óbvias, continuam a ser – fascinante e preocupantemente – exceções entre as narrativas que ousamos contar a nós próprios sobre o progresso do amor.*

Acontece assim, esse início que recebe tão excessiva atenção: Rabih tem 31 anos e reside numa cidade que praticamente não conhece nem compreende. Costumava viver em Londres mas recentemente mudou-se para Edimburgo por motivos de trabalho. A sua antiga firma de arquitetura dispensou metade do pessoal depois da inesperada perda de um contrato, e o desemprego forçou-o a lançar as suas redes mais longe do que gostaria – o que acabou por levá-lo a aceitar um trabalho num estúdio de *design* urbano escocês especializado em praças e entroncamentos.

Vive sozinho há vários anos, desde o fracasso de uma relação com uma *designer* gráfica. Inscreveu-se num ginásio local e aderiu a um sítio de encontros na Internet. Foi à inauguração de uma galeria que expõe artefactos célticos. Tem ido a uma série de eventos vagamente ligados à sua profissão. Tudo em vão. Sentiu algumas vezes uma ligação intelectual com uma mulher mas não uma ligação física – ou vice-versa. Ou, pior ainda, um lampejo de esperança e depois a menção de um parceiro, normalmente de pé na outra ponta da sala, ostentando uma expressão de guarda prisional.

Mesmo assim, Rabih não desiste. É um Romântico. E, por fim, depois de muitos domingos vazios, acontece finalmente, quase como lhe foi ensinado – em grande parte pela arte – a esperar que acontecesse.

A rotunda é na A720 em direcção ao sul a partir do centro de Edimburgo, ligando a estrada principal a um *cul-de-sac* de casas para

executivos defronte de um campo de golfe e de um lago – uma encomenda que Rabih aceita menos por interesse próprio do que por causa das obrigações que lhe confere o seu estatuto relativamente menor na hierarquia da empresa.

Do lado do cliente, o papel de supervisão é inicialmente atribuído a um membro sénior da equipa de vistorias da Câmara Municipal, mas na véspera do dia em que o projeto deve arrancar o homem tem um funeral – e é destacada uma colega mais jovem para o substituir.

Apertam as mãos no local da obra numa manhã nevoenta de princípios de junho, um bocadinho depois das 11. Kirsten McLelland enverga um casaco fluorescente, um capacete de proteção e um par de pesadas botas com solas de borracha. Rabih Khan não ouve quase nada do que ela está a dizer – não só por causa da trepidação de um compressor hidráulico próximo mas também porque Kirsten, como ele virá a descobrir, fala muitas vezes bastante baixinho, na voz do seu nativo Inverness, que tem o condão de se desvanecer antes de estarem inteiramente completas as frases, como se a meio do caminho tivesse descoberto alguma objeção ao que tem estado a dizer ou simplesmente tivesse passado a outras prioridades.

A despeito da sua indumentária (ou, na verdade, em parte por causa dela), Rabih nota imediatamente em Kirsten uma série de traços, psicológicos e físicos, a cuja sedução ele é sensível. Observa a sua maneira imperturbável e divertida de responder às atitudes paternalistas da sua equipa de construção de doze homens musculosos; a diligência com que vai verificando os vários itens da inspeção; o seu desrespeito confiante pelas normas da moda e a individualidade que implica a ligeira irregularidade dos seus dentes frontais superiores.

Uma vez concluída a reunião com a equipa, o cliente e o empreiteiro, vão sentar-se juntos num banco próximo para rever os contratos. Mas passados poucos minutos começa a chover a potes

e como não há lugar para tratar da papelada no escritório da obra, Kirsten sugere que se dirijam à rua principal e encontrem um café.

No caminho, debaixo do guarda-chuva dela, acabam a conversar sobre campismo. Kirsten diz a Rabih que tenta sair da cidade sempre que pode. Ainda não há muito, aliás, foi até Loch Carriagean, onde montou a tenda num pinhal isolado e experimentou uma extraordinária sensação de paz e perspectiva ao estar tão longe de outras pessoas e de todas as distrações e do frenesim da vida citadina. Sim, esteve lá sozinha, responde ela; evoca nele a imagem dela debaixo da lona, a desatar os atacadores das botas. Quando chegam à rua principal não há cafés à vista, de modo que se refugiam em vez disso no Taj Mahal, um restaurante indiano sombrio e deserto onde mandam vir chá e (por insistência do dono) um prato de *pa-paris*. Reconfortados, percorrem todos os formulários, concluindo que será melhor só requisitar a misturadora de cimento na terceira semana e mandar vir as pedras do pavimento na semana a seguir.

Rabih examina Kirsten com uma concentração forense, tentando embora ser discreto. Nota as leves sardas que lhe cobrem o rosto; uma curiosa mistura de assertividade e de reserva na sua expressão; um cabelo castanho claro, espesso, pelos ombros, puxado para um dos lados, e o hábito de começar as frases por um vivo «Aí está uma coisa...»

A meio desta conversa prática, ele consegue no entanto captar um vislumbre ocasional de um lado mais privado. À pergunta sobre os seus pais, Kirsten responde, com uma nota de desconforto na voz, que foi criada em Inverness só pela mãe, dado que o pai perdera o interesse pela família muito cedo.

– Não foi um começo ideal para me fazer ter confiança nas pessoas – diz ela com um sorriso irónico (ele dá-se conta de que o dente frontal superior esquerdo é ligeiramente torto). – Talvez seja por isso que o pensamento do «felizes para sempre» nunca foi realmente o meu género.

A observação não é propriamente desencorajante para Rabih, que lembra a si mesmo a máxima de que os cínicos são apenas idealistas com padrões muito exigentes.

Através das largas janelas do Taj Mahal vê as nuvens que correm no céu e, ao longe, um sol hesitante que lança os seus raios sobre as negras abóbadas vulcânicas dos Montes Pentland.

Podia restringir-se a pensar que Kirsten é uma pessoa bastante simpática com quem passar uma manhã a resolver algumas questões maçadoras de administração municipal. Podia limitar o seu juízo à força de caráter que poderia plausivelmente fazer por trás das suas reflexões sobre a vida de escritório e a política escocesa. Poderia aceitar que não é provável que a alma dela seja facilmente discernível na sua palidez e na curva do seu pescoço. Podia satisfazer-se dizendo que ela parece razoavelmente interessante e que precisará de mais 25 anos para saber muito mais.

Em vez disso, está seguro de que descobriu alguém dotado da mais extraordinária combinação de qualidades interiores e exteriores, inteligência e amabilidade, humor e beleza, sinceridade e coragem; alguém de quem teria saudades se deixasse a sala, apesar de lhe ser inteiramente desconhecida há apenas duas horas; alguém cujos dedos – que neste momento desenham com o garfo linhas ténues na toalha de mesa – anseia acariciar e estreitar entre os seus; alguém com quem quer ter filhos e passar o resto da sua vida.

Com um medo terrível de a ofender, incerto dos gostos dela, consciente do risco de entender mal uma deixa, mostra-lhe uma extrema solicitude e uma atenção cuidadosa.

– Desculpe. Prefere segurar no seu guarda-chuva? – pergunta, enquanto fazem o caminho de volta ao estaleiro da obra.

– Não me importo, realmente – replica ela.

– Tenho muito gosto em segurá-lo eu – ou não – insiste ele.

– A sério, é como quiser!

Toma muito cuidado com o que diz. Sejam quais forem os prazeres da revelação, procura proteger Kirsten de todos os aspetos do seu carácter, salvo muito poucos. Mostrar o seu verdadeiro eu não é, nesta fase, uma prioridade.

Tornam a encontrar-se na semana seguinte. Ao voltarem a encaminhar-se para o Taj Mahal para uma revisão do orçamento e dos progressos da obra, Rabih pergunta se lhe pode dar uma ajuda com o saco de pastas que ela carrega. Ela ri-se e diz-lhe que não seja se-xista. Não parece o momento oportuno para lhe revelar que a ajudaria com não menor gosto a mudar de casa – ou que cuidaria dela num acesso de malária. Por outro lado, só amplia o entusiasmo de Rabih o facto de Kirsten não parecer precisar de muita ajuda seja no que for – já que a fraqueza, no fim de contas, é uma faceta encantadora principalmente nos fortes.

– A questão é que metade do meu departamento acaba de ser dispensada de modo que estou efetivamente a fazer o trabalho de três pessoas –, explica Kirsten, uma vez sentados. – Ontem, só acabei eram dez da noite, embora tenha sido principalmente porque, como se calhar já reparou, tenho a mania de controlar tudo.

Tanto medo ele tem de dizer alguma coisa errada que não é capaz de encontrar assunto de conversa – mas como o silêncio pode parecer uma prova de burrice, também não pode deixar que as pausas durem muito. Acaba por brindá-la com uma longa descrição de como as pontes distribuem o peso pelos seus vários pilares, continuando depois com uma análise das velocidades relativas de travagem dos pneus em pisos secos e molhados. A sua inépcia é pelo menos um sinal incidental da sua sinceridade: tendemos a não ficar muito ansiosos quando estamos a tentar seduzir pessoas que nos importam pouco.

Sente a cada passo a debilidade do seu direito à atenção de Kirsten. A sua impressão da liberdade e da autonomia dela assusta-o tanto quanto o excita. Aprecia a falta de boas razões para que ela

alguma vez lhe outorgue a sua afeição. Compreende absolutamente o pouco direito que tem de lhe pedir que o olhe com a benevolência que as suas muitas limitações requerem. No perímetro da vida de Kirsten ele está no apogeu da modéstia.

Vem depois o desafio crucial de saber se o sentimento é recíproco, um tópico de uma simplicidade quase infantil que no entanto é capaz de sustentar uma infundável análise semiótica e pormenorizadas conjeturas psicológicas. Ela elogiou a sua gabardina cinzenta. Ela deixou-o pagar o chá e os *paparis*. Ela foi animadora quando ele mencionou a sua ambição de voltar à arquitetura. Mas, por outro lado, pareceu pouco à vontade, até um bocadinho irritada, nas três ocasiões em que ele tentou levar a conversa para as anteriores relações dela. Nem deu seguimento à sua sugestão de irem ao cinema.

Tais dúvidas só inflamam o seu desejo. Como Rabih já percebeu, as pessoas que mais o atraem não são aquelas que o aceitam imediatamente (duvida do seu discernimento) ou aquelas que nunca lhe dão qualquer oportunidade (acaba por ficar ressentido com a sua indiferença), mas antes aquelas que, por insondáveis razões – talvez um envolvimento sentimental concorrente ou uma natureza cautelosa, um padecimento físico ou uma inibição psicológica, um compromisso religioso ou uma objeção política –, o deixam algum tempo pendurado a sofrer.

A ânsia prova ser, à sua maneira, deliciosa.

Rabih acaba por ir ver o número de telefone dela nos papéis da Câmara e, um sábado de manhã, envia-lhe uma mensagem com a sua opinião de que talvez mais tarde se ponha um dia bonito. «Eu sei», vem a resposta quase instantânea. «Alinha numa ida ao Botânico? Bj»

E é assim que acabam, três horas depois, a passear por entre as mais invulgares espécies de árvores e plantas do mundo no Jardim Botânico de Edimburgo. Veem uma orquídea chilena, deixam-se impressionar pela complexidade do rododendro e detêm-se entre

um abeto da Suíça e um imenso pau-brasil do Canadá, cuja folhagem oscila ao leve vento vindo do mar. Rabih esgotou a sua energia para formular o género de comentários insignificantes que normalmente precedem estes acontecimentos. É por isso devido a um sentimento de desespero impaciente, mais do que por arrogância ou por se julgar com esse direito, que corta a palavra a Kirsten a meio de uma frase quando ela está a ler alto uma placa informativa – «As árvores alpinas nunca devem ser confundidas com...» –, toma o rosto dela entre as mãos e encosta suavemente os seus lábios aos dela, ao que ela responde fechando os olhos e apertando com força os seus braços à volta do fundo das costas dele.

Um carrinho de gelados em Inverleith Terrace emite uma musiqueta envolvente, uma gralha guincha no ramo de uma árvore transplantada da Nova Zelândia e ninguém repara em duas pessoas, em parte escondidas por árvores estrangeiras, num dos mais ternos e decisivos momentos de ambas as suas vidas.

*E todavia, devemos insistir, nada disso tem ainda muito que ver com uma história de amor. As histórias de amor começam não quando tememos que alguém não nos queira ver outra vez mas quando alguém decide que não se importa de nos ver o tempo todo; não quando temos todas as oportunidades de fugir mas quando trocamos votos solenes que prometem manter-nos cativos, e cativos um do outro, a vida inteira.*

*A nossa compreensão do amor foi sequestrada e enfeitiçada pelos seus primeiros momentos ofuscantemente comoventes. Permitimos que as nossas histórias de amor acabem cedo demais. Parecemos saber de longe muito mais sobre como o amor começa do que sobre como poderá continuar.*

Aos portões do Jardim Botânico, Kirsten diz a Rabih que lhe telefone e admite, com um sorriso no qual ele vê repentinamente como ela devia ser aos dez anos de idade, que vai ter todas as noites livres na semana seguinte.

Na caminhada de regresso a Quartermile, acotovelando-se com as multidões de sábado, Rabih está tão entusiasmado que seria capaz de abordar desconhecidos ao acaso para partilhar com eles a sua boa sorte. Venceu com total êxito, sem saber como, os três desafios centrais em que assenta a ideia Romântica do amor: encontrou a pessoa certa; abriu-lhe o seu coração e foi aceite. E, no entanto, ainda não chegou a parte nenhuma. Ele e Kirsten casarão, sofrerão, preocupar-se-ão muitas vezes com o dinheiro, terão uma rapariga primeiro, depois um rapaz, um deles terá uma aventura amorosa, haverá temporadas de tédio, quererão por vezes matar-se um ao outro e em duas ou três ocasiões suicidar-se. Será *esta* a sua verdadeira história de amor.

